

Lutas pelo Reconhecimento da Identidade Quilombola: a Comunidade de Conceição das Crioulas-Pernambuco e as Estratégias Comunicativas¹

Emanuel Andrade FREIRE²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.
Juracy MARQUES
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO: Este artigo analisa a partir dos processos territoriais e identitários, ocorridos no distrito de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, Sertão de Pernambuco, a evolução do processo de formação da única comunidade quilombola da região. A pesquisa evidencia a luta de mulheres negras pelo reconhecimento de seu povo e a criação e fortalecimento da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), inicialmente composta por dez associações de produtores e trabalhadores rurais. Verifica-se as dinâmicas sociais e as ações educativas e comunicacionais adotadas por jovens estudantes nos últimos 20 anos para o reconhecimento da identidade quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Quilombolas; Identidade, Artesanato, Comunicação.

No final da década de 1990, os moradores do distrito de Conceição das Crioulas, situada no município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambucano, despertavam de maneira tímida para os valores culturais da formação de seu povo. Comunidade remanescente de quilombolas, para garantir a sobrevivência desde sua formação, passou a explorar suas habilidades socioculturais voltadas para a música, o artesanato, a dança, a culinária, entre outras manifestações, mas a própria comunidade pouca se envolvida com essas questões e, raramente, levavam tais habilidades para fora de seu território quilombola. Em sua trajetória, o processo de formação cultural da comunidade só começou a se intensificar há pouco mais de 15 anos, quando foi criada a mais expressiva entidade política na área quilombola, batizada de Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), com sede na vila da localidade rural.

Fundada em 17 de julho de 2000, como sociedade civil em fins lucrativos, conforme seu estatuto, a associação é composta por dez associações de produtores e trabalhadores rurais oriundo das vilas e dos diversos sítios que compõem a comunidade a partir das vilas União e Vila Centro, além dos sítios Paula, Rodeador, Sítio Sítio, Massapê, Rodeador, Paus

¹ Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Doutorando Interinstitucional em Comunicação pela Escola de Comunicação, da Universidade de São Paulo em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro-BA, e professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, da UNEB. Email: andrade.emmanuel@gmail.com.

Branços, Amparo, Boqueirão, Riacho do Juazeiro, Sítio Paula, Igrejinha, Riacho do Juazeiro, Igrejinha, Vila União, Coqueiro, Chapada, entre outras pequenas comunidades espalhadas no território quilombola.

Desde sua fundação, a AQCC passou a exercer um papel de fundamental para o desenvolvimento da comunidade, estabelecendo parcerias, realizando articulações, sensibilizando, conscientizando e envolvendo seus associados na busca de soluções para os problemas enfrentados pela comunidade de forma autônoma, integrada e sustentada.

Ao longo de sua formação e atuação dentro e fora da comunidade, a associação foi dividida em sete comissões voltadas para o Centro de Produção Artesanal que funciona na casa da Comunidade Francisca Ferreira, batizada com este nome em uma homenagem a uma das mulheres negras que fundou Conceição das Crioulas. De acordo com os quilombolas envolvidos com as atividades culturais, a associação surgiu da necessidade de intensificar a luta pelo bem comum de Conceição das Crioulas. a valorização de povos tradicionais, como quilombolas, num momento em os métodos utilizados pelo processo de globalização poderiam impedir o desenvolvimento sociocultural da comunidade³.

Desde então, a valorização da cultura afro-descendente tornou-se o caminho que a associação abraçou com vários objetivos, sendo um deles, e de fundamental importância para seu povo, o reconhecimento do direito à terra. A produção artesanal tradicional utilizando matérias primas da região - como o caroá, barro e madeira – a troca de experiências sobre hortas e processamento de frutas nativas como umbu e acerola utilizadas na produção de popas, são exemplos de como é possível gerar renda, melhorar a qualidade da alimentação e resgatar a autoestima dos moradores locais.

Seu maior empenho, nos últimos anos, tem sido a luta pela posse da terra, com área aproximada de 17 mil hectares, numa perspectiva sustentável. Entre as lutas da AQCC permanecem o processo de regularização fundiária, a garantia de educação específica e diferenciada, desenvolvimento sustentável a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola. A entidade desenvolveu nos últimos anos, uma estrutura com a meta de contemplar as Comissões Temáticas de Patrimônio; Educação, Cultura e Esportes, Geração de Renda; Saúde e Meio Ambiente; Comunicação e juventude, compostas por pessoas da comunidade.

³Depoimento do Senhor Antônio Andreilino Mendes, prestado ao Projeto Comunidades Quilombolas, da UFPE/FACEPE - 1997.

Devido a importância da associação no processo de reconhecimento e fortalecimento da identidade quilombola, este artigo, resultante da dissertação de mestrado intitulada *Conceição das Crioulas: Uma análise dos Processos Identitários e Territoriais de uma comunidade quilombola no Sertão de Pernambuco*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia – Uneb (Campus VIII), procura discutir algumas ações realizadas pela comunidade que chegou a desenvolver ações de produção artesanal e de comunicação. Essas ações podem ser compreendidas no quadro conceitual de ações de educomunicação, como exemplo de atividades que visam fortalecer os mecanismos de cidadania.

Segundo Soares(2004), a educação tradicional olha para essa área como algo que, às vezes, pode estar ameaçando a sua ortodoxia; e a comunicação olha para esse campo como algo pobre, algo de gente que não está no mercado:

A educomunicação é mais do que uma tendência de se juntar a comunicação e a educação para fazer emergir uma nova ciência. É uma necessidade que surgiu dos movimentos sociais e na busca por organização da sociedade civil, tendo como meta a construção da cidadania. (SOARES, 2004)

Estudiosos do tema educomunicação, apontam que nesse campo há a comprovada evolução da convergência de todas as áreas das ciências humanas. É um conceito novo, mas que é originário de experiências como as de Paulo Freire junto às ligas camponesas de Pernambuco nos anos 50, os “círculos de cultura”, segundo observa ainda Soares(2004). As experiências de educação popular com forte interface na comunicação foram fundamentais à toda concepção pedagógica defendida por Paulo Freire e ganham força de novo a partir dos anos 1970. Atualmente, produz resultados extraordinários em projetos culturais, socioeducativos e ambientais por todo o Brasil e em outros países.

Procuramos discutir, neste artigo, aspectos relacionados às atividade desenvolvidas pela comunidade para que houvesse um processo de reconhecimento das questões pertinentes à identidade como quilombola, destacando o trabalho com as mulheres e com jovens, que envolveram atividades de comunicação na rotina produtiva, como também nas práticas socioeducativas. Como percurso metodológico, realizamos entrevistas com lideranças da comunidade e análise dos produtos comunicacionais desenvolvidos. Destaca-se que este trabalho tem uma intrínseca relação com as lutas pela cidadania e pelos processos de reconhecimento da comunidade como quilombola.

1 A comunidade e a luta pela associação

Atualmente, a associação tem um prédio onde são realizadas as atividades. A sede da entidade tornou-se possível graças à conquista, pela comunidade, do 1º Prêmio Banco Mundial de Cidadania no Encontro Nacional de experiências Sociais Inovadoras realizada em Brasília, em maio de 2002. O prêmio, no valor de cinco mil dólares, foi concedido à comunidade em reconhecimento ao projeto de valorização do artesanato desenvolvido, desde 2001, pela AQCC em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), Prefeitura Municipal de Salgueiro e outras instituições.

A sede da AQCC é bastante ampla, com 10 cômodos onde se realiza o desenvolvimento de projetos e realização de reuniões. No espaço, são feitos os atendimentos aos quilombolas todos os dias da semana. Eleito presidente da associação, o agricultor Andreilino argumenta que a AQCC preza e batalha pelo desenvolvimento da comunidade valorizando suas potencialidades:

[...] trabalhamos também pela conscientização do povo negro, investindo de certo modo na construção de uma sociedade justa e igual, todos tendo direito de ir e vir, de cumprir seu papel de cidadão. Nossa cultura sempre foi rica, desde os antepassados, mas precisamos sempre de apoio, de união, de força de gente unida, de capacitação, de treinamento pra tocar nossos projetos que de certa forma já tem um reconhecimento, mas precisamos de muito mais, de ir além para garantir o futuro das gerações das crianças quilombolas de hoje e que estão por vir.

Também há outras associações filiadas à AQCC que estão espalhadas nos “sítios”. Geralmente, cada “sítio” tem a sua, ou se forma uma para cada dois “sítios”, considerando a proximidade entre eles ou o número de habitantes de cada um. O principal objetivo de tais entidades é lutar junto aos órgãos governamentais e não-governamentais pela implantação de projetos agropecuários nos quais possam se inserir os camponeses de Conceição das Crioulas.

Embora essas associações, muitas vezes funcionem como espaços políticos de articulação, os quilombolas de Conceição das Crioulas costumam realizar, periodicamente, seminários e encontros para tratar dos problemas da comunidade. Muitas vezes as discussões giram em torno da luta pela posse da terra, da melhoria da educação do povo

negro, da importância da construção de uma identidade étnica e cultural do grupo e outras questões de ordem econômica e social.

É por meio do artesanato e da valorização da cultura tradicional que a comunidade tem obtido resultados positivos de geração de renda. Novos produtos têm sido feitos com matérias-primas abundantes na região como a fibra de caroá e do catolé. Nas mãos dos quilombolas, essas fibras se transformam em bolsas, cestos, jogos americanos e bonecas que são comercializados em lojas e feiras de todo o país ajudando a difundir a luta pela terra.

A maior parte dos recursos que financiam este projeto veio de doadores individuais que acompanham as crianças nas comunidades espalhadas em todo território do distrito. A comunicação com esses doadores é feita por meio de três correspondências anuais, que incluem mensagens e desenhos feitos pelas crianças, além de relatórios sobre os resultados alcançados na última década.

Este sistema leva à mobilização das famílias para ações em conjunto com a organização parceira. O trabalho de todos se torna mais eficaz e transparente, já que cada família se sente parte da organização e cobra os resultados das ações desenvolvidas. Além das associações, como espaços políticos de articulação, os “quilombolas”, costumam realizar, periodicamente, seminários e encontros para tratar dos problemas da comunidade. Durante os encontros, as discussões, quase sempre, giraram em torno da luta pela posse da terra, da melhoria da educação do povo negro, da importância da construção de uma identidade étnica e cultural do grupo e outras questões de ordem econômica e social.

A defesa da posse da terra, a questão étnica, direitos e a importância da unidade do grupo estão presentes nos discursos de quase todos os quilombolas; sendo que, em algumas falas, pode se perceber muito mais do que isso. Vejamos o que diz o Senhor Expedito, presidente de uma das associações dos sítios:

(...) é importante se reunir nos encontro, ter coragem de lutar pelas terras e pelas raízes, dizer sempre a verdade, ter conhecimento da paz e trabalho e em defesa dos mais fracos, dos negros, porque também sou negro, e eu queria dizer a ramicê qui o problema qui ocorre cum nossa comunidade é o mesmo de cada um. Todos nós fomos tirados de nossa terra não vendemos (...) e hoje, nós tamo num país de democracia, num país de direito, onde o cidadão tem direito, tem vez, tem bravura e luta por seus direitos. É isso que eu digo a ramicês e a eu mesmo: somo negro, somo pobre, não escondemos isso...

Chamo a atenção, no trecho acima, para o lugar ocupado pela terra na luta; para a noção de pertença ao grupo, reafirmando a condição de negro (negada no passado), deixando transparecer uma espécie de necessidade de autoconvencimento; para a articulação que o militante procura estabelecer entre a questão da terra e questão étnica; e articulação, também, entre os planos individual e coletivo.

Enfim, observe-se, aqui, o esboço de uma espécie de consciência em construção, tanto no que concerne à luta pela terra, como no que diz respeito à própria organização do grupo. Nesse sentido, vejo, neste breve relato, lições de educação e auto-educação, em que se articulam saberes diferenciados como peças de um quadro extremamente complexo, mesclando-se, exemplarmente, o político, o cultural e o social.

2 A participação das mulheres e dos jovens e as estratégias de comunicação

A juventude quilombola, homens e mulheres, têm amplo espaço de atuação na Comissão de Juventude da AQCC. Segundo Antônio Mendes, a participação dos jovens é maior durante os eventos. Mas é uma luta constante. No ano de 2012, a luta da entidade foi pela implantação da Rádio Comunitária. A associação já tinha conseguido implantar um grupo de teatro e desenvolver o Projeto Crioula Vídeos. Segundo Antônio Mendes, a questão da comunicação é uma luta estratégica e de formação política para os jovens da comunidade.

“[...] A juventude tem que tá informada para ter argumentos. Há momento em que a contribuição da juventude é grande, mas há, também, momentos de morosidade e há sempre um que influencia os outros. E isso é positivo. Há dez anos tínhamos orgulho de estar com um cigarro na mão, havia a plantação de erva (maconha), que era usada pelos jovens, isso está bastante mudado”.

Um dos momentos mais expressivos da atuação jovem foi o I Encontro de Jovens do Território Quilombola de Conceição das Crioulas, realizado nos dias 28,29 e 30 de abril de 2006. O evento teve como tema central as “Políticas Públicas para a Juventude”. A partir dos debates realizados nas salas temáticas e oficinas, algumas propostas importantes foram aprovadas na plenária do encontro tais como:

2.1 Realizar um momento em cada sítio de Conceição das Crioulas, para discutir sobre os temas debatidos e discutidos no I Encontro de Jovens do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. E, ainda, encontros de socialização das idéias geradas no encontro;

- 2.2. Maior intercâmbio e trabalho conjunto dos jovens nos territórios quilombolas do Estado de Pernambuco;
- 2.3. Trabalhar junto à escola na formação de mais jovens nos assuntos discutidos no encontro;
2. 4. Momentos de estudos das Leis que favorecem os quilombolas, realizando discussões dinâmicas e descontraídas;
- 2.5. Organizar e trazer o Encontro de Crianças Quilombolas (Quilombinhos) para Conceição das Crioulas, tornando também uma ação jovem para as crianças

A Comissão de Comunicação e Juventude desenvolveu o projeto Crioulas Vídeo, composto por uma equipe de produção de vídeo. Formado por jovens da comunidade, o grupo surgiu em Abril de 2005, com uma oficina de vídeo com a duração de cinco dias, desenvolvida em uma parceria entre o Centro de Cultura Luiz Freire e o grupo Identidades de Porto, Portugal. Teve como instrutores Tiago Assis, José Paiva e André Alves, do Identidades. Para a criação desse grupo foi feita uma escolha entre jovens da comunidade, foram escolhidos Marta Adelaide, Adalmir José, Martinho Mendes, Francisco Mendes, Joseane de Oliveira e Reginaldo António. Eles participaram de todas as áreas da oficina, começando depois a se destacar em diferentes setores, constituindo assim a equipe do Crioulas Vídeo.

Passando alguns meses este grupo foi ampliando tornando-se mais forte. Assim, passaram a integrar a equipe, os jovens quilombolas Jocilene, Jocicleide, Jociclécia e Cícero Mendes. Desde abril de 2005, produziu vários vídeos que constam na sua filmografia. O acervo das Crioulas Vídeo tem 26 filmes, entre registros cotidianos (aniversários, casamentos) e seis documentários. Entre eles, há um vídeo de 11 minutos sobre o açude da cidade, um filme sobre a Serra das Princesas e um vídeo de 30 minutos que acompanha a construção de uma adutora no município, que foi feito profissionalmente, para o governo do Estado, em parceria com TV Viva, de Recife.

A atuação da juventude nesses encontros indica que a política em Conceição das Crioulas se revela nas ações de pessoas de todas as idades. As propostas surgidas no encontro dos jovens apontam um desejo dessa juventude, certamente comum a todos os quilombolas, de que o movimento possa ser gradativamente ampliado, possibilitando, assim, a formação e conscientização política de toda a comunidade, inclusive das crianças.

Além do projeto Crioulas Vídeo, outro importante espaço de discussão política dos quilombolas foi o Jornal Crioulas: a voz da resistência, fundado em 2003. Trata-se de uma publicação quadrimestral que tem por finalidade fazer a divulgação das realizações da comunidade, sua história, sua cultura e sua luta. O número 1 do referido jornal, datado de abril de 2003, traz um breve relato sobre a fundação da comunidade, as realizações da AQCC, ressalta a importância do ensino médio implantado em Conceição e destaca a realização do II Encontro das Comunidades quilombolas de Pernambuco, que viria a se realizar nos dias 01,02 e 03 de maio de 2003, em Salgueiro, promovido pela AQCC.

Como o jornal se configura numa espécie de porta voz da luta política dos Quilombolas, a questão da terra tem sido matéria constante de suas páginas. Na edição número 06, de dezembro de 2004, o destaque foi para a Campanha Nacional de Regularização das Áreas quilombolas, ocorrida no dia três de julho desse ano, no plenário do Congresso Nacional, da qual os quilombolas de Conceição das Crioulas participaram.

A equipe do Jornal Crioulas destacou que o número de comunidades quilombolas é estimado em aproximadamente 4 mil, sendo que destas apenas menos de 800 são reconhecidas e 29 são tituladas (ainda com problemas), como é o caso de Conceição das Crioulas, em Salgueiro e Castainho, em Garanhuns.

A campanha visava também denunciar o grau de exclusão em que vivem esses grupos, principalmente no tocante às políticas de saúde, educação, moradia, apoio às formas de geração de renda nesses territórios e a valorização da cultura quilombola.

A matéria publicada no Jornal Crioulas: A voz da resistência (Edição nº 12/2009), evidencia diversas características do movimento quilombola de Conceição das Crioulas que merecem ser analisadas. Em primeiro lugar, chamo a atenção para a presença da comunidade na campanha mencionada pelo jornal, indicando que o espaço de participação política desse povo adquiriu uma dimensão nacional. A campanha para a garantia do direito à terra foi acrescentada à denúncia da exclusão social e a luta por direitos de cidadania: saúde, moradia e educação.

As edições do jornal destacam ainda a participação das mulheres na busca pelo reconhecimento de Conceição das Crioulas como território quilombola. A trajetória dessas mulheres, ao longo de 200 anos, está inscrita na luta pela sobrevivência e pela defesa do território que fora comprado por seus ancestrais – as “seis crioulas”. Reconhecer que a comunidade de Conceição tem suas raízes fincadas na matrilinearidade deve-se ao fato de que a maioria das pessoas engajadas no movimento sociopolítico quilombola se reconhece

na tradição pautada por relações de parentesco consangüíneo e, portanto, acredita ser descendente das “seis crioulas” - as fundadoras – e das outras mulheres que deixaram ali suas “marcas” na história.

Entre as mulheres, destaca-se Agostinha Cabocla, que aparece como pertencente ao núcleo de descendência, a partir do qual constituem os elementos centrais do processo que vincula os quilombolas à terra, nas representações coletivas.

“[...] Agostinha era mulher forte e dedicada na luta da comunidade. Sempre esteve ao lado de Antônio Adrelino (Totô) e Luiz Simão, viajando muitas vezes ao Recife, até Brasília para defender os direitos da comunidade. Era solteira e nunca teve filhos. Muito respeitada por todos(as), muito religiosa, sempre procurava dar conselhos aos mais jovens dizendo o melhor caminho a seguir, pois muitas coisas de ruim que poderia ter acontecido na comunidade, graças aos seus conselhos foram evitados”(Jornal Crioulas - A voz da Resistência, nº 9, Março/2006).

O papel da mulher é assegurado na descendência. É “nelas que tudo começa”: a fundação da comunidade (incluindo a compra da terra), a origem do nome, a defesa do território frente às “invasões” das quais resultaram expropriações; elas também estão presentes na execução e perpetuação de determinadas práticas ou atividades culturais como os ofícios de benzedeira e parteira e na produção de trabalhos artesanais. As mulheres que se dedicam a essas atividades dizem ter aprendido com suas mães ou avós.

Reportando-me ao passado, através das representações reproduzidas pelos narradores da história de Conceição, alusivas a mulheres que exerceram liderança naquela comunidade (principalmente das seis crioulas), faço também uma imagem de como seriam essas mulheres: percebo-as como mulheres fortes, determinadas e lutadoras. Mulheres que não estavam muito apegadas aos ideais da sociedade de sua época, a qual reservava à mulher apenas o direito à vida do lar, ao casamento e aos filhos como fruto dessa união.

No final da década de 1980, os ideais defendidos pelo movimento negro em geral, começaram a penetrar na comunidade e a provocar transformações na forma de ver o mundo ou no pensamento de negras e negros em Conceição das Crioulas. Nesse momento, aqueles que tradicionalmente já lutavam pela recuperação da terra das crioulas, suas antepassadas, alegando ser um direito de herança seu, passaram a entender que de qualquer forma, a terra lhes pertencia, pois eram descendentes daquelas crioulas que provavelmente eram escravas fugitivas, o que lhes abria a possibilidade de serem classificados como comunidade quilombola, e como tal, o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal lhes assegurava o direito à posse da terra.

A comunidade começou a passar por intensas inquietações que vieram provocar grandes transformações no modo de pensar daquela gente. Assim, começou-se a se estruturar uma nova luta em defesa da propriedade da terra. Uma luta que passou a contemplar a valorização do “ser negro”, em um contexto, até então, extremamente adverso e, muitas vezes hostil, a essa condição; iniciava-se, assim, a construção de uma identidade negra, processo em meio ao qual surgia também a necessidade de se estabelecer a quem seria, ou não, conferida a identidade de quilombola.

Desse modo, fatos antes negados, como a descendência de negros escravos, passaram a ser valorizados por aqueles que, dentro de um processo de conscientização, aos poucos, iam se identificando como quilombolas, dando, assim, legitimidade ao movimento. Negras e negros, na maioria jovens, começaram a participar das discussões, a mudar seu pensamento e, como eles mesmos afirmam, a "aceitar melhor sua negritude".

Esse momento de “aceitação” se impõe a um longo passado de “negação”, segundo os quilombolas, motivada pela discriminação sofrida pela comunidade. Na edição do jornal *Crioulas*, de novembro de 2003, existe o relato de que “durante muito tempo, o povo da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas foi discriminado e boa parte manipulado pelos ditos ‘poderosos’, os brancos. Foram mais de dois séculos de dominação e negação da história de um povo que resistiu a diversas formas de violência e agressão. No jornal, o relato da discriminação étnica é relatado da seguinte forma: “Desde de muito cedo, fomos ensinados a negar a nossa cor e nos aceitar como “moreninhos”, escondendo nossas raízes ancestrais. Tudo isso porque ser negro era feio, era sinônimo de escravidão. E quem quer ser feio? Escravo?.”

Uma das lideranças femininas na luta pelo reconhecimento da identidade quilombola é a professora Givânia Maria da Silva. Foi a primeira mulher de Conceição das Crioulas a ter curso superior e envolver-se diretamente na política partidária. Por indicação das lideranças da comunidade, foi candidata a vereadora, sendo eleita duas vezes consecutivas. Ela também é integrante da CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas). Através de sua atuação, tem conseguido divulgar a causa quilombola em todo país, bem como sensibilizar os governos - municipal, estadual e federal – além de ONG’s de todo Brasil a investirem da comunidade.

Agora com mestrado em educação, a educadora Givânia mora há vários anos em Brasília mas a luta política na comunidade de Conceição das Crioulas conta com a atuação de outras lideranças masculinas e femininas; entre as últimas se destacam: Aparecida

Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva e outras. Na impossibilidade de analisar aqui o perfil pessoal e político de todas essas mulheres, refiro-me apenas à primeira – Aparecida Mendes-, que ocupa o mais importante cargo político da comunidade: a coordenação da AQCC.

A história de luta de Aparecida, ao que me parece, faz parte de uma tradição familiar. Seu discurso revela não só o carinho que tem pela sua avó Firmiana, conhecida por Ana Belo, de 85 anos, como também a influência que recebeu dela:

[...] Ana Belo é minha vó, a minha vizinha querida e ela é uma pessoa insistente nas coisas que faz, é uma pessoa assim, com quem me inspiro para lutar, geralmente quando estamos quase fraquejando é uma das pessoas que a gente procura pra conversar e pra se fortalecer e, apesar dela ter 85 anos e saber que a luta não é fácil, ela nunca desestimula, ela tá sempre nos incentivando a ir à frente apesar das dificuldades.

Aparecida, portanto, valoriza a importância do debate político e critica a forma como as comunidades quilombolas estão sendo tratadas pelo governo, a partir de ações vindas “de fora para dentro”, dentro de um processo que ela denomina de “nova política de reconhecimento”. Ela afirma:

[...] é uma nova política que tá acontecendo com os grupos, que é uma inquietação. Que, ao invés das comunidades estarem se autoreconhecendo, o governo chega lá e reconhece sem discussão e já chega com o chamado benefício, mas a gente imagina que por trás desse benefício tem um interesse, a comunidade estava um pouco inquieta com essa questão, porque o reconhecimento não partiu da própria comunidade e sim do governo⁴.

Analisado de forma superficial esse discurso parece contraditório, pois é na luta por reconhecimento e defesa dos direitos que o movimento se constrói politicamente. Entretanto, a nova “política de reconhecimento” é na verdade um grande problema para a comunidade de Conceição das Crioulas que durante séculos viveu naquele território preservando seus laços de parentesco, suas relações familiares, seus valores e suas singularidades, provavelmente por conta de sua pouca visibilidade.

No momento em que há uma exigência de se tornar mais visível, de se mostrar mais para ser reconhecida como “remanescente de quilombos”, de enquadrar-se sobre tal

⁴ Depoimento citado por Maria Aparecida de Oliveira Souza. In: SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. As mulheres, a comunidade de conceição e suas lutas: as histórias escritas no feminino- Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007(mimeo).

identidade, é compreensível a inquietação provocada por essa política de reconhecimento. Atender a exigência de uma nova ordem torna-se uma necessidade, pois só assim será possível ter acesso aos benefícios oferecidos pelo governo. Dizer que a nova política gerou inquietação chega até ser uma análise condescendente, pois, na verdade, isso é uma grande violência praticada contra a comunidade quando esta é forçada a se ver e ser vista sob uma identidade única para conseguir os parcos benefícios que o Estado oferece. Talvez por isso ocorra na comunidade o ecoar de vozes se autodenominando sob as mais variadas “marcas”; são as marcas simbólicas encontradas para definir o sentido de pertença que são interpeladas nesse momento de impasse (SOUZA, 2007, p 74).

A participação diferenciada de algumas pessoas – principalmente de mulheres como Givânia e Aparecida – no processo de organização política pode ser compreendida com maior clareza associando-se, por exemplo, histórias e biografias. Refiro-me, a princípio, a Givânia que, não por acaso, se tornou uma liderança. A liderança de Givânia pode ser analisada de diversas maneiras: a sua capacidade de comunicação que lhe revela como "liderança nata", a sua formação educacional (primeira pessoa da comunidade a ingressar num curso superior) e a sua inserção nos movimentos já mencionados que lhe dão subsídios para discutir os problemas sociais brasileiros, também vividos pela comunidade de Conceição das Crioulas.

Desse modo, a atuação de Givânia, bem como de outros membros da comunidade foi fundamental para o despertar desse movimento social de luta pela terra, pelos direitos e valores étnicos e culturais em Conceição das Crioulas. E é dentro dessa luta que se efetiva a liderança de Givânia e de outras mulheres, reafirmando, assim, uma tradição de mais de duzentos anos relacionado ao protagonismo da mulher negra em Conceição das Crioulas."

Aparecida Mendes também vem se revelando uma liderança excepcional. Na qualidade de coordenadora da AQQC, ela é no momento a mulher com maior poder político em Conceição das Crioulas. Praticamente analfabeta até a idade adulta, a exemplo de outras brasileiras, Aparecida retornou a escola depois de casada e com filhos já crescidos. Hoje é estudante do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central de Pernambuco – FACHUSC, em Salgueiro, onde não desperdiça uma oportunidade de abrir um debate acerca da questão quilombola. Ali ela encontra muitos interlocutores, uns contra outros a favor, mas o que importa para ela é o caráter político da discussão.

Esse perfil político de Aparecida já trouxe muitos dividendos políticos para Conceição das Crioulas, pois boa parte dos direitos conquistados por essa comunidade veio graças aos seus esforços. Mas, também, já lhe rendeu muitos conflitos e ameaças, não só para ela, mas também para sua família e outros quilombolas, principalmente quando se trata da luta pela terra. Conforme trecho da notícia a seguir, que veiculou nos principais jornais de Pernambuco e na internet.

No dia 4 de dezembro de 2004, Sr. Simão Gonçalves dos Santos (Simão David) esteve na residência da Coordenadora Executiva da AQCC, Sra. Maria Aparecida Mendes Silva, a procura do Sr. João Francisco Mendes, pai de Maria Aparecida. Como não o encontrou, falou em tom agressivo para a Coordenadora Executiva da AQCC e para o Sr. Andreilino Antonio Mendes, também liderança da comunidade que: se tiver parte do terreno dele demarcado dentro da área, as lideranças não continuariam vivas para trabalhar na terra.

As ameaças foram formalizadas junto a Polícia Federal de Salgueiro no dia 07 de dezembro, em nome da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, e na Polícia Civil no dia 15 de dezembro. As ameaças continuaram na madrugada do dia 11/12/2004 para o dia 12/12/2004, por volta de 00:40h, quando a sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas foi queimada. Sabe-se que dentre os alvos, Maria Aparecida Mendes Silva e Givânia Maria da Silva são as primeiras da lista. No entanto, hoje já somam mais de 15 pessoas que correm risco de vida. Os fatos relatados indicam o grau de tensão estabelecido entre, de um lado, quilombolas que defendem o acesso à terra como um direito quilombola e, de outro, fazendeiros que não reconhecem a legitimidade desse direito nem estão dispostos a abrir mão pacificamente de suas propriedades. E, nesse embate, as mulheres, como são politicamente ativas não são poupadas.

Considerações

Neste artigo, procurei trazer aspectos da história da população negra de Conceição das Crioulas, dando ênfase às ações políticas das mulheres na luta pela posse das terras que ocupam e pela construção de uma identidade étnica e cultural. Estas ações podem ser incluídas na categoria de ações educomunicativas. Contam os mais velhos que Conceição das Crioulas foi fundada no "tempo dos reis". Para os mais jovens, principalmente os envolvidos na atual luta pela posse da terra, esse "tempo dos reis" corresponde ao final do século XVIII.

A construção de representações desse período, por parte da comunidade, tem como marco referencial a suposta existência de um documento datado de 1802, mencionado insistentemente pelos "antigos", que diziam os já falecidos e dizem outros, hoje, tratar-se da escritura das terras compradas pelas seis crioulas "no tempo dos reis". Ainda de acordo com essa tradição oral, as crioulas teriam pago essa compra com o seu próprio trabalho, isto é, fiando algodão para vender.

Ainda de acordo com a memória oral, faz parte da história de Conceição das Crioulas a luta tradicional da mulher pela posse da terra e em defesa do povo negro. Neste trabalho, enfatizo a organização dos negros quilombolas na luta pela posse da terra; associada a ela, a construção de uma história de Conceição, contada a partir da memória oral – narrativas dos "antigos" – da qual os habitantes se apropriam para reforçar a sua condição de "quilombola", e relatada nos produtos comunicacionais. Assim, por esse caminho, ocorre, simultaneamente, a construção de uma identidade étnica do grupo, através da conscientização/ auto-conscientização da aceitação de sua negritude, da apropriação de elementos significativos da cultura afro-brasileira como: vestimentas, adornos, danças, cânticos e religião; demarcação das fronteiras territoriais e sociais entre este e os demais grupos étnicos.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertando Brasil, 2.000.
- CALMON, Pedro. História da Casa da Torre. IN: ANDRADE, Fábio Bezerra e SILVA JÚNIOR, José Alfredo. Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco. Recife: UFPE, 1997.
- GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. Terra de Pretos, Terra de Mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro. Ministério da Cultura/FCP, 1995.
- LEITE, Maria Jorge dos Santos. Conceição das Crioulas: terra, mulher e identidade étnica no sertão de Pernambuco. Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2001(mimeo).
- MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa e ALBUQUERQUE, Mabel Ann Black de (organizadores) **Comunidades remanescentes de quilombos no interior de Pernambuco**. Recife: UFPE, 1997.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org). Terra de quilombos. ABA. Impressão DECANIA CFCH/UFRJ, 1995.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.
- SOARES, Ismar de Oliveira Soares. Educommunication. São Paulo: NCE–ECA/USP. 2004.
- SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva (antropóloga responsável). Projeto mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos (Conceição das Crioulas). Recife: FCP/

UFAL, 1998.

SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. As mulheres, a comunidade de concepção e suas lutas: as histórias escritas no feminino- Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007 (mimeo).